a direção da análise



um silêncio em trabalho

Sylvana Souza Clastres

Nestes tempos modernos em que imperam os superlativos, no que concerne à pratica clínica, seria mais prudente "pensar pequeno", pensar no que é do particular.

Eu gostaria então de lhes falar do particular, tal qual nós podemos encontrar na prática psicanalítica cotidiana. Esta escolha não representa nada de novo, à medida que não esquecemos a imensa importância do ensino de Freud. Trata-se, no seu trabalho, de uma confrontação. Em sua obra reconhecemos uma dialética constante entre as idéias, a elaboração teórica e o particular da prática clínica. Apresentada desta maneira, a psicanálise, diferente da ciência, tem para com o novo uma relação que é da ordem do impossível, se consideramos que em uma análise, o que se funda, o que se constrói, o que aparece como novo, encontrava-se no sujeito desde sempre. Este novo revela o que de mais íntimo era até então estrangeiro para o próprio sujeito.

É tendo como premissa esta dialética do novo em psicanálise e porque começamos justamente um novo século, que eu gostaria de lhes convidar para um pequeno passeio através da história, fazendo uma visita a Ferenczi.

Sandor Ferenczi era médico, fez uma breve análise com Freud de quem era discípulo e amigo. No período de 1930 a 1933, sua obra foi particularmente dedicada à responsabilidade que tem o analista na direção de uma cura. Segundo Lacan, Ferenczi foi um dos primeiros a colocar em causa o "ser do analista", sua ação e a extensão de seu poder.

A partir de sua experiência, Ferenczi constatou que a regra fundamental da psicanálise, quer dizer, a associação livre, era utilizada por muitos pacientes como um instrumento de manutenção do gozo. Ele tenta então fazer vacilar esta forma de satisfação, mas é neste momento que ele se engana, e em nome do dever do analista ele vai pedir a seus pacientes mais que palavras, atos. Nós poderíamos dizer que ele leva o paciente a responder por atos, através de uma travessia selvagem. Neste momento ele sai do discurso analítico.

Freud se confrontou com esta mesma questão (do gozo alojado na palavra), mas ele vai buscar uma direção de cura que realmente interrogue o gozo. Gozo que, sabemos, é

articulado ao fantasma do sujeito e que se realiza no sintoma. Segundo Freud, ao analista é autorizado e aconselhado um ato: interpretar.

Entretanto, será Lacan quem dará ao ato analítico seu estatuto, mesmo que a noção de ato analítico tenha estado, graças às próprias exigências da clínica, sempre presente, na evolução e na direção de uma cura.

do ato psicanalítico

Lacan teve a preocupação, e certamente não por acaso, de distinguir *ato* de outros significantes, para excluir o risco do equívoco de uma equivalência entre eles. Quando nós pensamos no ato analítico, somos tentados a pensar pela via de uma ação, de um agir ou de um fazer psicanalítico. Lacan nos coloca em guarda quanto a estas associações. Ele dirá que uma ação pode não ser um ato: dependerá se há nesta ação qualquer coisa da ordem de uma intenção. No seminário *O ato analítico*, Lacan vai exemplificar este ponto dizendo que se ele anda de um lado para outro em um palco, durante uma conferência, esta ação que é motora não é um ato. Mas se, enquanto ele anda, ele sai deliberadamente da cena (do campo de visão), "fora da lei", como ele diz, aí nós poderemos dizer que se trata de um ato, pois ele vai fazer questão ao público. Esta ação até então motora terá valor de um ato. Quanto à atividade, Lacan nos dirá que ela não será nunca um ato, pois ela recobre a falta e evita a questão. No que concerne ao "fazer", Lacan o situa do lado do analisante, lembrando que uma parte da técnica analítica consistiria em um deixar fazer. Situando o "fazer" do lado do analista, Lacan vai situar o ato do lado do analista.

Dizendo o que não é um ato, Lacan vai indicar os signos que o determinam. Um ato não é uma resposta mas a causa. A causa de um sujeito dividido. E seria isso que nós poderíamos esperar e reconhecer como resposta ao ato analítico, pois ele vai tocar o fantasma em sua função de armadura. O ato vai provocar uma abertura do inconsciente, abertura que revelará a fenda, quer dizer, a inscrição da falta que divide e determina o sujeito. No momento do ato, nós temos o analista como causa: é um momento de horror e de angústia. Horror de ser a causa do horror da falta do outro, pois isso lhe retorna. A angústia aparece, pois será apenas em um tempo posterior que o ato será ratificado pelo analisante.

No ato psicanalítico, alguma coisa de real invade a cena de uma direção de cura. Entretanto, Lacan vai chamar a atenção para o fato de que no ato haverá sempre uma relação com o

significante. Nós sabemos que um encontro com o real, em que a palavra não possa ter lugar, pode provocar uma passagem ao ato: é o ato enquanto resposta. Então, podemos entender esta observação de Lacan, referente à dimensão significante do ato, como sendo o que possibilitaria uma leitura deste (do ato) pelo analisante.

O ato psicanalítico se constitui, então, de um movimento que se inscreve em uma análise. Este movimento é legitimado pela transferência, que sustentará a relação analítica durante o tempo para compreender. Com a queda do Outro da transferência, que chamamos SsS., constatamos uma mudança e será o momento de concluir através de um ato de passagem (faço aqui uma referência ao passe).

da clínica

Penso que estamos todos de acordo com o fato de que encontramos na clínica casos que nos ensinam particularmente. É, por exemplo, o caso de Patrícia.

Patrícia foi considerada uma criança muda até pouco tempo, antes de me ser encaminhada. Na época, ela tinha 7 anos e morava há alguns anos em instituições governamentais para crianças abandonadas. Há sete meses, Patrícia habitava na mesma instituição que sua irmã mais velha. Uma criança a teria escutado falar, enquanto, como sempre, ela brincava sozinha. Foi a partir deste episódio pontual — pois ela voltou a se fechar no silêncio — que a instituição solicitou uma análise.

Segundo a equipe responsável por Patrícia, o que se sabia de sua historia é que ela teria sofrido um grande traumatismo. De fato, pouco antes de completar seus 3 anos, ela teve um mal encontro, sob a forma de um ato de puro real, anulando a função simbólica. Seu traumatismo teria sido o ato mortal, pelo qual sua mãe teria assassinado seu pai, em sua presença. Ainda segundo os mesmos responsáveis, ela era uma criança que não incomodava ninguém e passível mesmo de ser esquecida. Este comportamento se repetia durante as sessões. Quer dizer que ela era quase transparente, como se ela tentasse não estar ali. Durante dois anos ela veio a suas sessões semanais, no mais absoluto silêncio. Jamais uma palavra, barulhc ou demanda. Nenhum signo que pudesse denunciar a angústia ou o sofrimento. O máximo que ela fazia era responder discretamente a algumas solicitações do praticante (de fazer um desenho ou um jogo), ou escutava algumas intervenções deste, que a acompanhava, nem sempre muito à vontade, nestes momentos de silêncio. De tanto repetir uma ausência, seu

silêncio se tornou o representante de uma presença: era isso que marcava sua relação para com o praticante.

Pouco antes que estes encontros chegassem ao 3 ano, a psicóloga da instituição comunica ao praticante que a irmã mais velha de Patrícia ia ser adotada. A mesma possibilidade não era viável para Patrícia, por causa de um diagnóstico médico de deficiência leve e de fracassos escolares freqüentes.

Neste momento da direção de cura o praticante faz uma aposta. Tratava-se de uma aposta visando desestabilizar a posição do sujeito, posição esta que se encontrava até então fixa, emperrada. O praticante diz a Patrícia que ele vai utilizar o tempo da sessão em curso para fazer um relatório ao Juiz responsável pelas adoções. Diz-lhe ainda que, neste relatório, ele afirmaria que apesar de suas dificuldades (as de Patrícia), não havia razão que justificasse a interdição de uma adoção. Através deste ato, que não é possível sem angústia, uma aposta foi feita no nível mesmo do real. O praticante deixa entrever para Patrícia a possibilidade que ela tinha de ocupar um outro lugar. Impassível, Patrícia é testemunha do ato.

Na sessão seguinte, Patrícia apresentava comportamentos pouco habituais: ela estava particularmente agressiva e irritada, como uma criança que está com sono mas que não se rende. Este comportamento denunciava o incômodo causado por uma contradição. Ela estava incomodada e foi no último momento da sessão que alguma coisa veio a se passar: Patrícia espirra. Foi o primeiro sinal sonoro após dois anos de trabalho. Um signo que nós podemos dizer involuntário. Patrícia percebeu que tinha revelado alguma coisa que estava encoberta há muito tempo. Ela esconde então o rosto com as mãos, mas as bochechinhas salientes denunciavam um sorriso, numa mistura de espanto e encantamento. Esta reação é parecida com as que temos o habito de ver nos analisantes que começam uma análise, quando eles se confrontam com a existência do inconsciente. Patrícia deixou passar uma mensagem, a saber, que alguma coisa começava a lhe escapar ao controle. O praticante lhe diz "saúde" e termina a sessão. Patrícia não virá à sessão seguinte, segundo a direção da instituição ela sofria de uma diarréia forte. O praticante solicita que ela venha desde que possível.

Na sessão seguinte, face à questão "você esteve doente?", Patrícia, ainda que timidamente, responde "sim", muito naturalmente. A partir deste momento, ela vai falar e responder às intervenções do praticante até a interrupção dos trabalhos. Patrícia e sua irmã foram adotadas alguns meses depois.

Apresentando este caso, tive a intenção de mostrar não a conclusão de um trabalho, mas o "traço" que marca a possibilidade de entrar em análise. A experiência nos mostra que recebemos na clínica sujeitos plenos de certezas. Certos de querer começar uma análise, de querer mudar suas relações ao sintoma ou ainda de querer se ver livre de um sofrimento. Patrícia, por exemplo, estava certa de não ter nada a fazer ali. Podemos dizer que uma análise começa justamente com o final de uma certeza. No que diz respeito a Patrícia, parece que, pela via de um ato, ela foi nomeada pelo Outro; ela foi reconhecida enquanto sujeito. Neste momento, ela foi desestabilizada em suas antigas convicções: "quem sou eu?". A dúvida dá lugar à dialética de um sujeito, de um sujeito dividido.

Com este trabalho, procurei apresentar um ato que é a causa. Não a causa de uma adoção, mas de uma abertura no bloco de resistência e gozo que era o sujeito. O se fazer de morta para não ser morta pelo outro foi fragilizado em sua função de recobrir a existência da falta.

do lugar do analista: uma questão de ética

Eu devo reconhecer que, para uma apresentação pública, e além do mais em um momento de homenagem a Lacan, teria sido talvez mais prudente escolher um caso cujo percurso fosse mais clássico. Um caso em que um silêncio de dois anos e um espirro como manifestação do inconsciente não corressem o risco de serem sinais de uma extravagância. Entretanto, acredito que este caso de Patrícia é um exemplo precioso, pois ele revela o que de mais particular pode ser mostrado pela experiência clínica. Posso lhes garantir que muitos pacientes espirraram no meu consultório sem que eu levasse isso em conta na direção de cura. Patrícia também, certamente, já tinha espirrado outras vezes, sem entretanto que a fragilidade de uma divisão estivesse em causa. Como se trata, numa direção de cura, do particular e da aposta em questão de um sujeito, será sempre no caso a caso que uma análise pode ou não ser fundada, com todas as suas implicações.

O que estou tentando dizer é que, ao analista, desde que ele ocupe este lugar, não é aconselhável "estar na moda", ou seguir o que está na moda, para não impossibilitar um trabalho. O que nós temos na clinica são análises. A "análise tipo", em que o lugar do analista é determinado pelo imperativo "dever... para ser" (por exemplo: dever ser ou fazer como um tal analista, para ser analista), não deveria acontecer. O imperativo é da ordem de um dever, como nos foi mostrado por Ferenczi. Do

dever nós podemos dizer que ele se sustenta pela relação com o ideal e pelo narcisismo de uma suficiência. Este lugar é muito distante daquele que sustenta o discurso do analista quando ele é orientado por uma ética. É precisamente a falta que deverá sustentar a ética da psicanálise. Esta ética que vai privilegiar e preservar a escuta de um sujeito (mesmo se ele está na impossibilidade de falar).

É recomendável ao analista recorrer a seu desejo e não ao dever. Desejo do analista que é, talvez, o que de mais precioso Lacan pode ler, interpretar e sustentar a partir da obra de Freud.



referências bibliográficas

Lacan, Jacques. *L'acte psychanalytique*. Sem.1967-1968. Inédito.

Cabas, Antonio, Angulo, Norma, Perez, Silvina, Belan, Zaira. Sandor Ferenczi: entre a direção e a cura, *Letras da coisa*, 10 – O analista em questão, Curitiba, Associação Coisa Freudiana – transmissão em psicanálise, 1990.